

Entrevista com Pedro Curi Hallal

“A ciência está entrando na casa de praticamente todos os brasileiros e brasileiras”

Recebido em 05-05-2021

Modificado em 20-05-2021

Aceito para publicação em 21-07-2021

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v8i3.36809>

 **Aline Lamas**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: alinelamas.ufpel@gmail.com

10

Pedro Curi Hallal, 41 anos, é professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Concluiu Graduação em Educação Física em 2000, Mestrado em Epidemiologia em 2002 e Doutorado em Epidemiologia em 2005. Desde seu ingresso como docente da UFPel em 2005, além das atividades didáticas e de extensão, o Prof. Hallal desenvolveu pesquisas nas áreas de Educação Física e Epidemiologia, prioritariamente estudando as relações entre a prática de atividade física e diversos indicadores de saúde. Atuou ainda como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia, entre 2015 e 2016), e como Reitor da UFPel, entre 2017 e 2020.

Logo após o início da pandemia de coronavírus, o Prof. Hallal planejou e coordenou o estudo EPICOVID-19, a maior pesquisa epidemiológica sobre Covid-19 no Brasil. Com base nos resultados dessa pesquisa e na sua formação em Epidemiologia, o Prof. Hallal tornou-se uma das principais referências, no Brasil e no mundo, sobre Covid-19, combinando publicações nos periódicos científicos mais bem avaliados do mundo, com participações recorrentes na mídia nacional e internacional, dialogando diretamente com a população.

Suas posições críticas sobre a condução brasileira no enfrentamento da Covid-19 o tornaram alvo de incontáveis ataques, os quais foram denunciados à comunidade científica



internacional em publicações científicas (*SOS Brazil: Science under attack*¹, The Lancet) e à comunidade em geral, por meio da mídia nacional e internacional (*Covid-19: Experts issue warning as hospitals close to collapse*², BBC News)

Nessa entrevista, o Prof. Hallal aprofunda essas questões, em uma conversa sobre pandemia, sociedade, e o papel da ciência no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

1. O Brasil, de certa forma, adotou uma postura otimista frente à pandemia, e hoje, mais de um ano após a chegada da Covid-19 no país, ainda estamos vivendo um cenário crítico, com um número muito grande de casos e mortes. Enquanto epidemiologista, acha que já podemos falar sobre um mundo pós-pandêmico?

Planejar um mundo pós-pandêmico é algo que podemos e devemos fazer, mas eu diria que, no momento, certamente não é a prioridade brasileira. Antes de planejar o pós-pandemia, o Brasil precisa vencer a pandemia, ainda mais nesse momento de absoluto descontrole da pandemia no país. Eu sempre uso uma estatística que reforça, de maneira simples, o quão grave é a situação brasileira. No Brasil moram 2,7% das pessoas do mundo, mas o Brasil concentra mais de 12% das mortes por Covid-19 no mundo até hoje.

Em outras palavras, o Brasil tem quatro vezes mais mortes do que seria esperado caso tivéssemos um enfrentamento da Covid-19 na média mundial, e isso é explicado por uma pandemia absolutamente fora de controle. A minha percepção é que hoje, primeiro o Brasil precisa vencer a pandemia, e aqui vamos falar um pouco sobre as melhores estratégias para que o país faça isso, e depois priorizar o mundo pós-pandemia.

Mas é claro que algumas lições já podemos aprender e já podemos começar a planejar o pós-pandemia, até para que no pós-pandemia, o Brasil não repita os erros que fizeram que com a gente fosse um dos campeões mundiais da Covid-19, em função do nosso vexatório fracasso no enfrentamento da pandemia.

2. A sociedade sempre cobrou da ciência uma maior iniciativa, um maior envolvimento, especialmente das universidades, em relação às demandas das comunidades. Desde o início da pandemia, vimos as universidades comprometidas e atuantes no enfrentamento da Covid-19. Mesmo assim, a ciência foi muito desacreditada, inclusive (ou especialmente) por autoridades de saúde. Tendo conduzido a maior pesquisa epidemiológica³ sobre a evolução da Covid-19 no país, e sendo o gestor máximo de uma universidade pública federal (Pedro Hallal foi reitor da Universidade Federal de Pelotas até janeiro de 2021), ao que atribui esse negacionismo?

¹ SOS Brazil: Science under attack. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(21\)00141-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(21)00141-0/fulltext)

² Covid-19: Experts issue warning as hospitals close to collapse. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-56342303>

³ O Epicovid-19 é o maior estudo epidemiológico sobre Covid-19 no Brasil. O objetivo é avaliar a disseminação do coronavírus no país.

Em primeiro lugar, falemos dos pontos positivos: creio que a ciência brasileira nunca esteve tão próxima da população brasileira. Então, se há um efeito colateral positivo dessa pandemia, é que as pessoas, no país todo, estão tendo hoje acesso a informações científicas, mesmo que a gente saiba que numa quantidade superior elas também têm acesso a informações falsas. Mas pelo menos a ciência está entrando na casa de praticamente todos os brasileiros e brasileiras. Então esse é um ponto positivo e nós temos que saber comemorar essa conquista da ciência.

Um outro ponto positivo é que se houver uma capacidade interpretativa mínima as pessoas verão que, desde o começo da pandemia, a ciência estava certa nos embates que travou com as visões negacionistas. No longo prazo, ficou confirmado que a visão da ciência estava correta, tanto em relação à gravidade da pandemia, quanto em relação às medidas de controle, quanto em relação às vacinas. Aliás, o fato de a ciência ter desenvolvido uma vacina para a maior pandemia da nossa geração em um período de um ano, é uma conquista científica gigantesca. Então acho que temos que saber comemorar os avanços que a ciência teve.

E, também, saber comemorar que as universidades desempenharam um papel absolutamente fundamental, eu diria histórico, no enfrentamento da pandemia. Eu cito aqui o exemplo da UFPel. Teve um momento em que faltava álcool gel, na cidade e na região, e nós produzimos dentro da universidade para entregar para o Sistema Único de Saúde. Teve épocas em que faltava máscara, e a UFPel produziu dezenas de milhares de máscaras para distribuir. O hospital de referência para Covid-19, em Pelotas, é o hospital da UFPel. Então, citando o exemplo local, dá para ter noção do quanto uma universidade pode contribuir no enfrentamento da pandemia. E provavelmente podemos aplicar isso para todos os lugares onde existem universidades federais no Brasil. Em resumo, quando a sociedade mais precisou das universidades, elas se mostraram muito úteis.

Agora, o que seria o lado negativo, e por que todos esses ataques? Porque o Brasil sinceramente acabou dando um “azar” de enfrentar a maior pandemia da nossa geração exatamente no momento que temos um governo negacionista e anticiência. Quando a disseminação de notícias falsas, o descrédito à ciência, não parte só de redes sociais por iniciativa de algumas pessoas, mas sim pelo próprio Palácio do Planalto, obviamente isso terá um impacto negativo sobre a sociedade. Não podemos esquecer que o Presidente da República desestimulou a vacinação no Brasil, desestimulou que se levasse a sério a pandemia, dizendo que era uma “gripezinha”, debochou das mortes. A narrativa anticiência vêm do Palácio do Planalto. Se ela viesse apenas de alguns setores da sociedade, certamente que ela teria menos força.

3. A pandemia evidenciou uma série de desigualdades no Brasil. O Epicovid-19, por exemplo, mostrou mais infecção entre os mais pobres e nos indígenas. Mas além das diferenças nas taxas epidemiológicas, a pandemia está trazendo à tona outros aspectos da desigualdade. Como conduzir o enfrentamento de uma pandemia em uma sociedade tão desigual?

Para responder, vou recuperar aqui alguns resultados do Epicovid-19. Existe um conceito na saúde pública e na sociologia que é o conceito da tripla desigualdade, do pesquisador Breihl, um equatoriano. Esse conceito se confirmou no caso da Covid-19 com uma adaptação: no conceito original, ele fala em desigualdades de gênero, de classe social e de etnia. E no caso da Covid-19, não tem grandes diferenças por gênero, mas tem diferenças por etnia, por classe social e também as diferenças regionais.

O Epicovid-19 encontrou marcantes desigualdades sociais na distribuição da Covid-19 no Brasil, sendo a região norte, a mais vulnerável do país, a que mais foi infectada. Depois, o estudo identificou intensas desigualdades socioeconômicas, ou seja, mesmo o vírus tendo chegado ao Brasil “de avião” e pelas classes sociais mais altas, quando a transmissão comunitária começou, ele afetou em maior intensidade as pessoas pobres em comparação com as ricas. E por último, observamos as desigualdades étnico-raciais, especialmente esse resultado alarmante que o Epicovid-19 mostrou, de que as pessoas indígenas tinham cinco vezes mais risco de infecção do que as pessoas brancas.

Mas então, como enfrentar uma pandemia em um país tão desigual como o Brasil? Primeiro, reconhecer que enfrentar a desigualdade social é uma pauta que é prioritária no Brasil antes, durante e depois da pandemia. A desigualdade social é um dos maiores problemas da nossa sociedade. Existe um índice que se usa para medir concentração de renda, o Índice de GINI, e o Brasil por muitos anos era um dos países no mundo com maior concentração de renda. Teve um momento, alguns anos atrás, que o Brasil deu uma melhoria, mas atualmente já está piorando novamente.

Então, o Brasil enfrentar a questão das desigualdades sociais é prioridade não só por causa da pandemia, mas num contexto de pandemia, precisaríamos ter especial atenção às desigualdades. Na pandemia, estamos vivenciando um fenômeno conhecido na saúde pública que é a Lei dos Cuidados Inversos em Saúde: quem mais precisa, recebe menos cuidado, e quem menos precisa, recebe mais cuidado. Por exemplo, a vacinação chega mais às pessoas ricas; chega antes nas pessoas que já tem mais acesso aos serviços de saúde, quando deveria ser o contrário. A gente deveria estar priorizando as políticas públicas de saúde (vacinação, testagem) para a população mais vulnerável, que inclusive é a que mais morre por Covid-19, mas ao

contrário, a gente tem políticas públicas que, voluntária ou involuntariamente, priorizam os grupos mais favorecidos.

4. Com a pandemia, diferentes mecanismos e tecnologias foram adotados para que pudéssemos manter nossas rotinas de trabalho e de estudo. Porém, dados da PNAD COVID mostrou que 28% dos trabalhadores das classes A e B puderam optar pelo “home office”, enquanto nas classes D e E, apenas 7,5% tiveram essa opção. Como lidar com essas discrepâncias e incentivar o distanciamento social, sendo que esses trabalhadores das classes mais baixas precisam continuar trabalhando, precisam seguir na ativa, e muitas vezes, utilizando o transporte público coletivo?

Começo reforçando minha resposta anterior. Esse dado na PNAD confirma o que já dissemos: os grupos que deveriam estar mais isolados, são os que estão sendo mais expostos. E essa é a confirmação da Lei dos Cuidados Inversos em Saúde.

Como que a gente poderia ter evitado isso, ou como podemos enfrentar isso? A primeira coisa é acabar com essa dicotomia falsa que existe no Brasil, uma narrativa falaciosa de que existe um dilema entre economia e saúde pública, que na verdade nunca existiu. Todas as pandemias e epidemias do passado, quando olhamos os países com melhores resultados econômicos, são aqueles que melhor controlam a pandemia, e na Covid-19 não está sendo diferente. Se a gente pegar os países com melhor indicador econômico hoje, são aqueles que adotaram a estratégia “Covid zero”, tentando praticamente zerar os casos, como na Austrália, por exemplo.

Não existe dilema saúde pública e economia. O que existe é uma traição do governo brasileiro com a sua população ao não proteger socialmente as pessoas, para que elas possam adotar as medidas recomendadas pela saúde pública. E que medidas são essas? *Lockdown*, que deveria ser curto e rígido, e o Brasil estranhamente tem adotado modelos flexíveis e longos. Isso está destruindo a nossa economia e a nossa saúde pública.

Para que o *lockdown* tenha adesão é preciso garantir proteção social, ou seja, um auxílio emergencial decente, por períodos mais curtos, e com apoio as empresas, especialmente as pequenas e médias empresas, com base em histórico de faturamento, por exemplo. O Brasil abandonou a sua população, especialmente o governo, quando a sua população mais precisou do governo, que era pra garantir proteção social para que as pessoas pudessem aderir às medidas de distanciamento.

Se perguntarmos às pessoas, e existem inquéritos sobre isso, se elas acreditam no distanciamento social, dirão que sim. Elas só não praticam porque não conseguem, pois foi criado um cenário que as impede de cumprir a recomendação. Então, o primeiro passo para

enfrentar é esse: parar de criar essa narrativa de que existe uma dicotomia entre a saúde pública e a economia.

5. A sua carta “SOS Brazil”, publicada na revista “Lancet”, critica o governo brasileiro na condução da pandemia. Além disso, em virtude do cenário no país, o Brasil chamou a atenção da mídia e de pesquisadores do mundo inteiro. Qual a repercussão da realidade brasileira no meio científico?

A repercussão tem sido muito grande. Eu e outros pesquisadores brasileiros, que estamos a frente de pesquisas sobre Covid-19, temos sido convidados para se manifestar, tanto por reportagens quanto com artigos científicos, em todos os maiores periódicos do mundo. É como se fosse para um jogador de futebol jogar uma partida pelo Real Madrid, uma pelo Barcelona, uma pelo Bayern, os maiores times do mundo. A “Nature”, a “Science”, o “Lancet”, o “New England”, todos os melhores periódicos científicos do mundo têm feito reportagens e publicado artigos científicos sobre a situação da pandemia no Brasil,

Um editorial que publiquei na “Lancet” teve uma repercussão enorme. As pessoas da comunidade internacional estão apavoradas com o que está acontecendo no Brasil, especialmente os grupos dos países desenvolvidos que tem uma lembrança mais forte, histórica, de momentos vergonhosos da história, como o nazismo e o fascismo. Eles notam o Brasil vivendo um momento muito parecido. O que vemos hoje no Brasil: tentativa de silenciamento da mídia, ataque ao conhecimento, universidades, pesquisadores, ataque à liberdade de expressão ... e até ataques à informação, com a tentativa de cancelamento do censo demográfico. Ou seja, o Brasil tem cumprido todos os requisitos para entrar em um regime como, infelizmente, a Alemanha e outros lugares da Europa vivenciaram no século passado.

Então a imprensa internacional está muito preocupada com a situação do Brasil, e a comunidade científica mais ainda. Não é por acaso que surgem manifestações e sugestões de vencedores do prêmio Nobel, manifestações de cientistas renomados, com preocupação sobre o Brasil, posto que o país representa hoje não só uma ameaça à saúde pública internacional, mas também à democracia do mundo contemporâneo.

6. Estudos epidemiológicos foram conduzidos em vários países para acompanhar a evolução da Covid-19. Aqui, como foram os bastidores do Epicovid-19 e o que os pesquisadores encontraram no campo?

O nosso maior adversário foi o próprio governo federal. Quando, em um cenário onde fizemos uma pesquisa em 133 cidades espalhadas por todo o país, em todos os estados, incluindo cidades de localidades distantes, de acesso remoto, e isso não ter sido o maior desafio da

pesquisa, podemos notar que tem alguma coisa errada. Tivemos que lidar com o governo federal jogando contra.

O governo federal prejudicou o contato com as cidades, e em alguns locais pesquisadores nossos foram parados pela polícia, tiveram que prestar depoimento em delegacia etc., por falha de comunicação do Ministério da Saúde com as cidades. O Ministério da Saúde praticou censura com os dados obtidos pelo Epicovid-19, o Ministério da Saúde cancelou o financiamento da pesquisa no meio porque não gostou dos resultados, ou seja, é um conjunto de medidas que fazem com que o maior adversário do Epicovid-19 tenha sido o próprio Governo Federal do Brasil.

E mesmo assim, o Epicovid-19 publicou seus resultados nas melhores revistas científicas do mundo; teve, e continua tendo espaço na mídia, chegando na casa da população. Tivemos também uma revisão sistemática de estudos populacionais sorológicos sobre Covid-19, e dos mais de 500 estudos analisados, o Epicovid-19 foi um dos poucos que teve escore máximo de qualidade metodológica. Então, posso dizer que apesar de todos os ataques do governo federal, o Epicovid-19 conseguiu cumprir com seus objetivos.

Creio que o estudo vai ficar marcado como um exemplo de resistência e resiliência, em tempos de pandemia. Um projeto que foi boicotado pelo próprio órgão financiador, mas que mesmo assim conseguiu e consegue até hoje produzir informações sobre a pandemia em um país cujo o governo quer esconder as informações e tem medo que as informações se tornem públicas.

7. Além das pesquisas na área da saúde, muitos outros estudos foram conduzidos por pesquisadores brasileiros, em diferentes áreas. Estudos na área da psicologia, sociologia, entre outros. Acredita que a pandemia possibilitou essa integração multidisciplinar e até mesmo a valorização de algumas áreas?

Esse é um ótimo tema. No ano passado, na universidade, ainda como Reitor, tivemos que abrir um edital interno específico para as ciências sociais e humanas, porque o governo federal tinha cortado recursos para essas áreas. Então a UFPel teve que contra-atacar, reagindo a essa medida absurda do governo, de tentar transformar algumas áreas em menos relevantes.

E durante a pandemia, óbvio que isso reverteu, pois para compreender qualquer fenômeno complexo, e a pandemia é um fenômeno complexo, necessitamos de conhecimento de todas as áreas. Precisamos da Engenharia de Materiais, que criou um aparelho que consegue eliminar o vírus dos ambientes. Precisamos dos pesquisadores da Engenharia, que criou um bebedouro, onde podemos tomar água sem tocar, precisamos da Epidemiologia, que coleta

informações, e precisamos das ciências sociais e humanas, para compreender esse processo todo da pandemia.

Então, sim, a pandemia trouxe essa aproximação que deveria ser contínua. E aqui faço uma crítica não só ao governo, mas ao próprio fazer da ciência. O fazer da ciência no Brasil é muito engavetado, ele ainda é muito disciplinar. Temos os programas por disciplinas, com “gavetinhas” específicas de cada coisa, e temos pouca interação entre as gavetas, quando, na verdade, eu acredito muito mais em um modelo de ciência que é menos disciplinar e mais temático. Ou seja, a partir de um tema, todas as ciências que podem ajudar a compreender aquele tema, unificam-se em torno daquela pauta, e não em torno da disciplina ou do método. E esse é um aprendizado que creio que teremos na pandemia, creio que vamos valorizar esse trabalho mais temático e menos disciplinar. Vejo isso como mais um daqueles que vou chamar de “efeitos colaterais positivos” da pandemia.

8. Teremos efeitos colaterais positivos então? Sairemos melhores enquanto sociedade? E enquanto ciência?

Primeiro: se a sociedade vai sair mais preparada? Sim, vai sair muito mais preparada. A gente vai saber melhor como agir em uma próxima pandemia. Os ensinamentos ficam, e mesmo que seja difícil para nós brasileiros reconhecer isso, pois estamos na “capital mundial” do negacionismo, vários países do mundo beneficiaram-se do conhecimento produzido em pandemias e epidemias recentes e, por isso, têm indicadores melhores. Quando olhamos os países que viveram o MERS e o SARS, veremos que são os países que tiveram melhor enfrentamento da Covid-19 porque aprenderam. Esse aprendizado fica.

Agora, se sairemos melhores? Eu acho que não. Mais preparados, sim, mas melhores, infelizmente não. Vejo exacerbar durante a pandemia a lógica do individualismo, vejo as pessoas individualistas, vejo corrupção em tempos de pandemia. Então, não acho que iremos sair melhores como sociedade.

A ciência, sim. Vai evoluir muito daqui para frente, vou dar alguns exemplos. Primeiro, a questão da comunicação científica: nunca mais voltaremos para um modelo de ciência onde pesquisamos, demoramos um ano para publicar alguma coisa, que quase ninguém lê. A população mostrou que quer consumir a ciência, mas consumir a ciência numa linguagem acessível, ou seja, a ciência vai ter que aprender a se comunicar mais com o público, com a comunidade em geral, e creio que esse é um grande efeito colateral positivo da pandemia.

Acho que em relação a prazos e relevância das pesquisas isso também vai crescer. Creio que não dá para ficar demorando pra fazer ciência. A população pede por mais transparência, mais acesso aos dados. Isso há de ser outro efeito colateral positivo. E por último essa questão da

interação entre as áreas. A ciência cada vez mais vai valorizar esse trabalho colaborativo. A ciência vai ter aprendizados grandes com base na pandemia.

9. Um ponto já mencionado aqui foi a sua crítica ao governo na gestão da pandemia. Já que na pandemia as ações do governo foram mais expostas, você acha que a sociedade estará mais atenta e mais envolvida nas questões políticas?

Vou responder falando sobre o Brasil, não vou falar no mundo. Creio que no Brasil existe uma confusão muito grande entre estado e governo. Um exemplo bem concreto foi a questão do Censo Demográfico. O governo não pode escolher se vai ter Censo ou não. O Censo Demográfico é uma política de estado que precisa acontecer independente de governo. O governo não pode, porque é anti-ciência ou anti-informação, decidir que não vai ter Censo. Essa confusão não vai mudar com a pandemia.

O que eu espero, é que a pandemia tenha escancarado os riscos de eleger um governo que nega a própria política. Um dos motivos que faz com que o governo atual esteja aí, é porque esse governo disse que não era político. Aliás, inventou uma narrativa de que alguém que era deputado desde sempre, não era político. Então as pessoas votaram na antipolítica. Embora fosse um político tradicional, do chamado baixo clero, o atual presidente vendeu essa ideia.

Esse aprendizado a população brasileira tem que ter. Um cargo político é um cargo político, ele tem que ser escolhido com base nos critérios da boa política. Mesmo com perfis ideológicos diferentes, mas antes disso precisamos da racionalidade e do bom senso. E o Brasil optou por um caminho irracional e que não tem nenhum bom senso. Esse efeito poderemos buscar. Temos o exemplo dos EUA. Se olharmos as curvas epidêmicas no governo anterior e no governo atual, é absurda a diferença. Ali podemos ver que a má política mata gente, e mostrando isso temos a chance de não repetir esse erro.

10. Para finalizar, vamos destacar alguns pontos positivos, na sua opinião:

Comunicação científica certamente evoluiu dez anos em um; a interação da ciência e das universidades com a comunidade. Várias iniciativas positivas de interação do público com o privado, em alguns casos. E o grande exemplo positivo foi a ciência brasileira. Mesmo com tudo que aconteceu, Butantan e Fiocruz tiveram envolvidos diretamente na corrida das vacinas. A UFPel conduziu o maior estudo epidemiológico. O Brasil esteve envolvido em estudos sobre medicamentos. A ciência brasileira cresceu muito com a pandemia. Em termos de saúde, destaco o SUS. Embora tenhamos esse número absurdo de mortes, o SUS ficou de pé e fez com que o tamanho da tragédia fosse menor do que poderia ser.